

Carta Eletrônica de Conjuntura Econômica

Ano 3, Número 23, dezembro de 2004.

Centro de Estudos e Pesquisas Econômicas - CEPE

cepe@unisc.br

.....EDITORIAL

Estamos chegando ao final de 2004, agora sim em contagem regressiva para as festas de final de ano e a entrada de 2005. Passamos este ano apresentando nossas opiniões sobre o andamento da conjuntura econômica e, de relance, também das questões políticas envolvidas nas escolhas da política econômica, sem esquecer também da política partidária, da relação com o Congresso Nacional e a base aliada - sim, em itálico para destacar o quanto aliada é a base do governo. Bem, mas isto não é privilégio da atual gestão, pois adesistas de toda sorte sempre estiveram à disposição de todos os governantes.

Se ao longo do ano ressaltamos pontos positivos no acerto da condução da política econômica, inclusive os resultados favoráveis obtidos do ponto de vista macroeconômico, com controle da inflação, expressivo saldo da balança comercial e aumento do emprego formal, não podemos deixar, nesta edição que finaliza 2004 e que antecede nosso período de recesso, de comentar a respeito de duas questões cruciais, particularmente para o estado do Rio Grande do Sul.

A primeira diz respeito à cotação do Real frente ao Dólar americano. Cotações abaixo da casa dos R\$ 3,00 para a moeda americana são um claro estímulo às importações e um entrave para as exportações. Em um estado exportador como é o caso do RS, isto já é motivo de preocupação. A cotação de R\$ 2,6760/US\$ 1,00 verificada durante os últimos dias (ontem, terça-feira, 22/12, a cotação fechou em R\$ 2,701) foi a menor cotação desde 18 de junho de 2002, quando a moeda americana esteve cotada em R\$ 2,648. Sem contar a inflação do período (a inflação brasileira descontada a inflação americana), em termos reais a taxa de câmbio aproximase da situação vigente no início do Plano Real - e não precisamos lembrar o que isto significa para a balança comercial e o nível de emprego interno. Fica desde já registrado o alerta para uma situação que pode voltar a trazer prejuízos para a economia brasileira se não revertida a tempo.

A segunda questão diz respeito ao pacote tributário apresentado à sociedade gaúcha pelo governo do estado. Noves fora a comparação com o pacote do governo anterior - alguns até afirmam que aquele era menos ruim ... - novamente assiste-se à saída clássica: aumentar a arrecadação, às custas do contribuinte lógico! Além da proposta seguir a mesma tradição, o agravante é que ela recai sobre alguns itens que já são particularmente onerosos no orçamento da população gaúcha. Ou alguém acha que os preços dos combustíveis, da telefonia e da energia elétrica são baixos? Certamente que não e a saída para as famílias será a redução do consumo -

encostar o carro na garagem, falar menos ao telefone, desligar lâmpadas, tomar banhos mais rápidos, ..., aliás, medidas que já foram adotadas há alguns anos quando do apagão. Tais ajustes por parte do consumidor refletir-se-ão diretamente em seu nível de satisfação e sua qualidade de vida. Daí para a expectativa de dias piores o caminho não é muito longo.

Assim como na questão da taxa de câmbio, que também transmite uma dúvida para o futuro, a elevação de impostos sempre afeta negativamente a expectativa do futuro, tanto por parte dos consumidores quanto, principalmente, por parte dos empresários. Esperemos que isto não afete - mas como não afetaria? - as expectativas de um bom desempenho macroeconômico para 2005.

Finalizando, para esta edição temos as contribuições dos nossos articulistas André Carraro e Fábio Mayrinck e nossa análise de conjuntura inicia com o já tradicional levantamento de preços em Santa Cruz do Sul, felizmente - para o consumidor - com uma redução no mês de novembro nos dois indicadores. Sempre desejando uma boa leitura, enviamos nossos votos de um Feliz Natal e um ótimo 2005, com muita saúde, paz, sucesso e, como não poderia deixar de ser, no nosso caso, muito emprego e lucros!

No mês de janeiro entramos em recesso, retornando em fevereiro - depois do Carnaval, como quase tudo no país! - mas, como de hábito, esperamos as críticas e sugestões para nosso endereço eletrônico.

....:SUMÁRIO

- ◆ CESTO DE PRODUTOS BÁSICOS DE CONSUMO POPULAR EM SANTA CRUZ DO SUL 01 DE DEZEMBRO DE 2004.
- ◆ CESTA BÁSICA NACIONAL EM SANTA CRUZ DO SUL, 01 DE DEZEMBRO DE 2004.
- ◆ O QUE ESTÁ ACONTECENDO COM O IMPERIALISMO AMERICANO?
- ◆ CONJUNTURA ECONÔMICA DE DEZEMBRO

CUSTO DO CESTO DE PRODUTOS BÁSICOS DE CONSUMO POPULAR EM SANTA CRUZ DO SUL, 01 DE DEZEMBRO DE 2004.

Silvio Cezar Arend silvio@unisc.br

A variação do custo do Cesto de Produtos Básicos de Consumo Popular em Santa Cruz do Sul foi de – 1,05 % no período de 03 de novembro a 1º de dezembro de 2004, passando de R\$ 436,07 para R\$ 431,46.

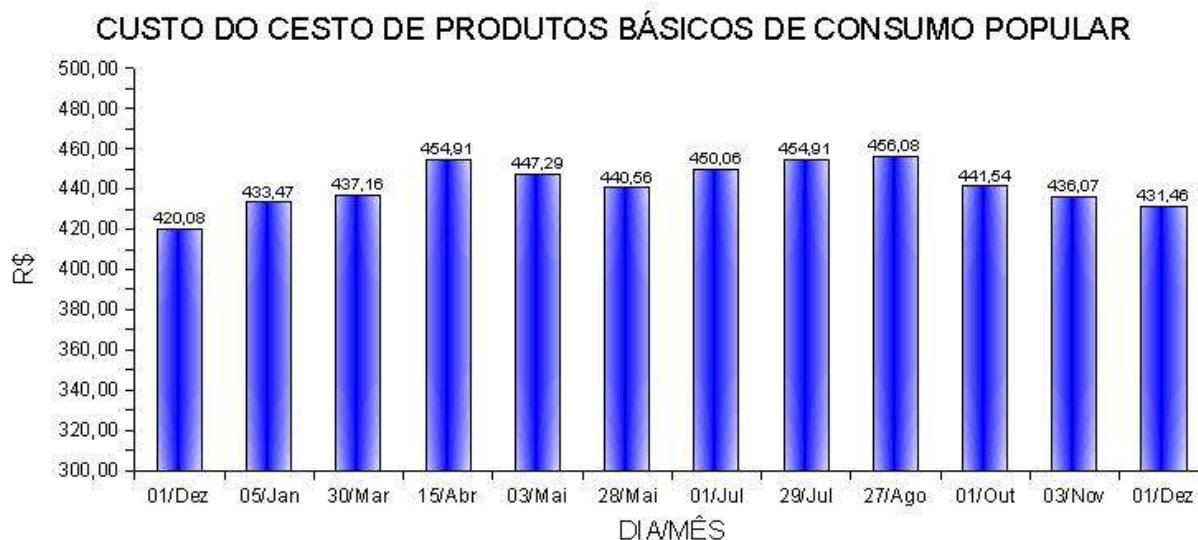
Por grupo de despesa, os produtos de Higiene Pessoal apresentaram redução da ordem de 0,14 %, a Alimentação no Domicílio reduziu em 0,89 % e os produtos de Limpeza Doméstica reduziram em média 0,02 %. Destaca-se que este é o primeiro levantamento em que todos os grupos de despesa apresentaram redução de preço.

Dos 60 produtos pesquisados, 24 tiveram elevação de preço neste período, 30 reduziram o preço e 03 permaneceram estáveis (Cigarros, Fósforos, Gás de Cozinha). As maiores contribuições para a redução do custo do Cesto Básico foram da Batata Inglesa (contribuição de – 0,38 %) e do Tomate (contribuição de – 0,30 %). Os produtos que mais contribuíram para segurar a redução do custo do Cesto Básico foram o Pão Francês (contribuição de 0,23 %) e a Lingüiça (contribuição de 0,14 %).

Com esta redução de novembro, o custo do Cesto de Produtos Básicos acumula uma redução de – 0,46 % no ano de 2004 e de 2,71 % nos últimos doze meses.

Os produtos utilizados para composição do Cesto Básico referem-se a um conjunto de produtos mais consumidos, obtidos a partir da Pesquisa de Orçamentos Familiares realizada pelo Centro de Estudos e Pesquisas Econômicas da UNISC junto à famílias com renda familiar inferior a 10 salários mínimos em Santa Cruz do Sul.

Veja o resultado do Cesto de Produtos Básicos de Consumo Popular em Santa Cruz do Sul em 01 DE DEZEMBRO DE 2004.



UNIVERSIDADE DE SANTA CRUZ DO SUL - UNISC

DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS

CENTRO DE ESTUDOS E PESQUISAS ECONÔMICAS - CEPE

CUSTO DO CESTO DE PRODUTOS BÁSICOS DE CONSUMO POPULAR

PRODUTOS	UNID. MED.	QT. MÉD.	3 de Nov de 04		1 de Dez de 04		VAR. %	CONTRI- BUIÇÃO
			PREÇO UNIT R\$	CUSTO TOTAL R\$	PREÇO UNIT R\$	CUSTO TOTAL R\$		
Grupo: Higiene Pessoal								
01. Absorventes	pct/10	0,72	1,8992	1,3674	1,8492	1,3314	-2,6327	-0,0083
02. Desodorante	90 ml	1,35	2,4654	3,3283	2,4333	3,2850	-1,3001	-0,0099
03. Lam. Barbear	unid	2,08	0,9142	1,9015	0,9125	1,8980	-0,1823	-0,0008
04. Papel Higiênico	rolo	7,74	0,5227	4,0458	0,5217	4,0377	-0,1993	-0,0018
05. Pasta Dental	90 g	1,44	1,7945	2,5841	1,7155	2,4703	-4,4073	-0,0261
06. Sabonete	90 g	4,24	0,7760	3,2902	0,6810	2,8874	-12,2423	-0,0924
07. Shampoo	500 ml	0,73	4,8378	3,5316	4,8175	3,5168	-0,4192	-0,0034
Total / variação grupo:				20,0489		19,4266	-0,1427	
Grupo: Alimentação no Domicílio								
01. Aipim	kg	2,58	1,0167	2,6230	0,8800	2,2704	-13,4426	-0,0809
02. Alface	pé	3,66	0,4567	1,6714	0,5200	1,9032	13,8686	0,0532
03. Arroz	2 kg	4,79	3,8625	18,5014	3,7275	17,8547	-3,4951	-0,1483
04. Açúcar	2 kg	4,1	2,2940	9,4054	2,3350	9,5735	1,7873	0,0385
05. Banana	kg	3,19	1,4367	4,5830	1,4860	4,7403	3,4339	0,0361
06. Banha	kg	1,62	4,5067	7,3008	4,6025	7,4561	2,1265	0,0356
07. Batata Doce	kg	1,37	1,3425	1,8392	1,4150	1,9386	5,4004	0,0228
08. Batata Inglesa	kg	7,53	1,4514	10,9293	1,2286	9,2511	-15,3543	-0,3848
09. Beterraba	kg	1,53	1,0675	1,6333	1,3125	2,0081	22,9508	0,0860
10. Biscoitos	500 g	2,22	2,1283	4,7249	2,1236	4,7145	-0,2207	-0,0024
11. Café Moído	500 g	1,08	4,3525	4,7007	4,3743	4,7242	0,5005	0,0054
12. Carne Bovina	kg	8,53	5,3809	45,8992	5,3075	45,2730	-1,3643	-0,1436
13. Carne Frango	kg	5,96	3,2067	19,1117	3,1767	18,9329	-0,9356	-0,0410
14. Carne Suína	kg	1,98	9,8238	19,4510	9,9129	19,6275	0,9071	0,0405
15. Cebola	kg	2,33	1,1733	2,7339	0,8850	2,0621	-24,5739	-0,1541
16. Cenoura	kg	1,73	1,4125	2,4436	1,1400	1,9722	-19,2920	-0,1081
17. Cerveja	grf	4,29	1,4880	6,3835	1,4753	6,3292	-0,8513	-0,0125
18. Cigarros	maço	15,26	2,3000	35,0980	2,3000	35,0980	0,0000	0,0000
19. Erva Mate	kg	2,55	2,7983	7,1358	2,6280	6,7014	-6,0870	-0,0996
20. Ext. Tomate	370 g	1,21	1,8440	2,2312	1,7550	2,1236	-4,8265	-0,0247
21. Far. Mandioca	kg	0,34	3,4014	1,1565	3,5857	1,2191	5,4179	0,0144
22. Farinha Trigo	kg	7,89	1,3822	10,9057	1,3633	10,7567	-1,3666	-0,0342
23. Feijão Preto	kg	3,53	2,1750	7,6778	2,1925	7,7395	0,8046	0,0142
24. Fermento	100 g	2,94	3,9525	11,6204	3,8150	11,2161	-3,4788	-0,0927
25. Fósforos	pct/10	0,88	1,8830	1,6570	1,8830	1,6570	0,0000	0,0000
26. Gás de Bujão	13 kg	0,96	33,0000	31,6800	33,0000	31,6800	0,0000	0,0000
27. Laranja	dz	2,87	1,1585	3,3250	1,0730	3,0796	-7,3801	-0,0563
28. Leite Natural	l	22,8	1,2892	29,3930	1,2783	29,1460	-0,8403	-0,0566
29. Lingüiça	kg	0,68	12,9950	8,8366	13,8950	9,4486	6,9257	0,1403
30. Maizena	500 g	0,51	2,7640	1,4096	2,7917	1,4238	1,0010	0,0032
31. Margarina	250 g	3,66	1,2575	4,6025	1,3013	4,7626	3,4791	0,0367
32. Massas	500 g	2,83	1,9122	5,4116	1,8633	5,2732	-2,5567	-0,0317
33. Maçã	unid	3,7	0,5188	1,9194	0,6053	2,2396	16,6834	0,0734
34. Nata	kg	0,48	4,4350	2,1288	4,8375	2,3220	9,0755	0,0443
35. Nescäu	500 g	0,8	3,6700	2,9360	3,6550	2,9240	-0,4087	-0,0028
36. Ovos	dz	3,84	1,9217	7,3792	1,8680	7,1731	-2,7927	-0,0473
37. Pipocas	500 g	0,76	2,0529	1,5602	2,0871	1,5862	1,6701	0,0060
38. Pão Francês	500 g	10,67	2,1600	23,0472	2,2550	24,0609	4,3981	0,2324
39. Refrigerante	l	6,55	0,9017	5,9059	0,9223	6,0409	2,2853	0,0310
40. Repolho	kg	2,03	0,4900	0,9947	0,5150	1,0455	5,1020	0,0116
41. Sagú	500 g	0,49	2,3240	1,1388	2,4275	1,1895	4,4535	0,0116
42. Sal	kg	1,75	0,7006	1,2260	0,7229	1,2650	3,1811	0,0089
43. Tomate	kg	2,29	2,8040	6,4212	2,2275	5,1010	-20,5599	-0,3027
44. Vinagre	grf	1,39	1,0067	1,3993	0,9983	1,3877	-0,8278	-0,0027
45. Óleo de Soja	900 ml	3,15	2,8658	9,0274	2,8538	8,9896	-0,4183	-0,0087
Total / variação grupo:				391,1598		387,2816	-0,8893	
Grupo: Limpeza Doméstica								
01. Alvejantes	l	0,67	1,3950	0,9347	1,3383	0,8967	-4,0621	-0,0087
02. Bombril	pct/8	1,52	1,0014	1,5222	1,0050	1,5276	0,3566	0,0012
03. Cera Assoalho	450 g	0,78	8,0963	6,3151	8,1825	6,3824	1,0653	0,0154
04. Det./Desinfet.	500 ml	1,9	1,5008	2,8516	1,4054	2,6702	-6,3597	-0,0416
05. Esfregão Aço	unid	0,52	0,5950	0,3094	0,5700	0,2964	-4,2017	-0,0030
06. Sabão Barra	500 g	4,05	1,1886	4,8137	1,2628	5,1145	6,2480	0,0690
07. Sabão em Pó	800 g	1,08	5,8167	6,2820	5,7700	6,2316	-0,8023	-0,0116
08. Vassoura palha	unid	0,23	7,9800	1,8354	7,1150	1,6365	-10,8396	-0,0456
Total / variação grupo:				24,8640		24,7558	-0,0248	
CUSTO TOTAL				436,0726		431,4640	-1,0568	
VARIAÇÃO							-1,0568	

CESTA BÁSICA NACIONAL EM SANTA CRUZ DO SUL, 01 DE DEZEMBRO DE 2004

Silvio Cezar Arend silvio@unisc.br

A variação do custo da Cesta Básica Nacional em Santa Cruz do Sul foi de – 4,64 % no período de 03 de novembro a 1º de dezembro de 2004, passando de R\$ 132,45 para R\$ 126,30.

Dos 13 produtos pesquisados, 06 tiveram redução de preço neste período e 07 apresentaram elevação. As maiores contribuições para esta redução do custo da Cesta Básica Nacional foram novamente do Tomate (contribuição de – 3,91 %) e da Batata Inglesa (com contribuição de – 1,00 %), produtos cujos preços no levantamento de 03 de novembro foram os principais responsáveis pela redução verificada naquele mês. Os produtos que mais contribuíram para segurar a redução do custo da Cesta Nacional foram o Pão Francês (contribuição de 0,43 %) e a Banana (contribuição de 0,23 %).

Com a redução verificada no mês de novembro, a Cesta Básica Nacional apresenta uma alta de 2,96 % em Santa Cruz do Sul nos últimos doze meses e, no ano de 2004, o conjunto de 13 produtos apresenta uma redução de 2,39 %. Para a aquisição do conjunto de 13 produtos da Cesta Básica Nacional, um trabalhador de Santa Cruz do Sul que receba um salário mínimo mensal precisa trabalhar 106,87 horas de sua jornada mensal.

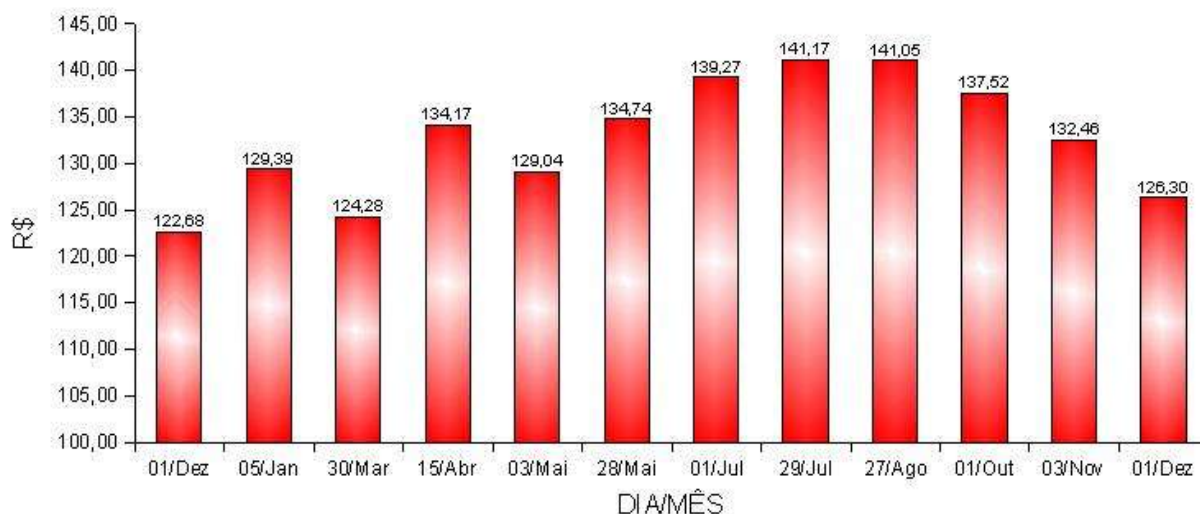
Conforme o levantamento do DIEESE para o mês de novembro de 2004, Porto Alegre mesmo com uma redução pelo terceiro mês consecutivo, continuou com o maior custo da Cesta Básica no Brasil, com um custo total de R\$ 171,37, acumulando uma elevação no ano de 2004 de 1,34 % e de 2,19 % nos últimos doze meses.

Da mesma forma, a partir dos gastos com alimentação é possível estimar-se o salário mínimo necessário para o atendimento das necessidades básicas do trabalhador e de sua família. Seguindo a mesma metodologia utilizada pelo DIEESE, o valor para o mês de novembro de 2004 em Santa Cruz do Sul alcançou R\$ 1.053,09 para uma família composta por dois adultos e duas crianças.

A Cesta Básica Nacional relaciona um conjunto de alimentos que seria suficiente para o sustento e bem-estar de um trabalhador adulto ao longo de um mês, tomando como base o Decreto Lei nº 399, de 30 de abril de 1938, que regulamenta a Lei n.º 185 de 14 de janeiro de 1936 – da instituição do Salário Mínimo no Brasil. Este Decreto estabelece que o salário mínimo é a remuneração devida ao trabalhador adulto, sem distinção de sexo, por dia normal de serviço, capaz de satisfazer, em determinada época e região do país, às suas necessidades normais de alimentação, habitação, vestuário, higiene e transporte.

**Veja o resultado do custo da Cesta Básica Nacional em
Santa Cruz do Sul, em 01 DE DEZEMBRO DE 2004.**

CUSTO DA CESTA BÁSICA NACIONAL



UNIVERSIDADE DE SANTA CRUZ DO SUL - UNISC

DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS

CENTRO DE ESTUDOS E PESQUISAS ECONÔMICAS - CEPE

CUSTO DA CESTA BÁSICA NACIONAL

PRODUTOS	UNID. MED.	QT. MÉD.	3 de Nov de 04		1 de Dez de 04		VAR. %	CONTRIBUIÇÃO
			PREÇO UNIT R\$	CUSTO TOTAL R\$	PREÇO UNIT R\$	CUSTO TOTAL R\$		
01.Arroz	2 kg	1,5	3,8625	5,7938	3,7275	5,5913	-3,4951	-0,1529
02.Açúcar	2 kg	1,5	2,2940	3,4410	2,3350	3,5025	1,7873	0,0464
03.Banana	kg	6,3	1,4367	9,0510	1,4860	9,3618	3,4339	0,2346
04.Banha	kg	0,9	4,5067	4,0560	4,6025	4,1423	2,1265	0,0651
05.Batata Inglesa	kg	6	1,4514	8,7086	1,2286	7,3714	-15,3543	-1,0095
06.Café Moído	500 g	1,2	4,3525	5,2230	4,3743	5,2491	0,5005	0,0197
07.Carne Bovina	kg	6,6	5,3809	35,5140	5,3075	35,0295	-1,3643	-0,3658
08.Farinha Trigo	kg	1,5	1,3822	2,0733	1,3633	2,0450	-1,3666	-0,0214
09.Feijão Preto	kg	4,5	2,1750	9,7875	2,1925	9,8663	0,8046	0,0595
11.Leite Natural	l	7,5	1,2892	9,6688	1,2783	9,5875	-0,8403	-0,0613
10.Margarina	kg	0,75	1,2575	0,9431	1,3013	0,9759	3,4791	0,0248
12.Pão Francês	500 g	6	2,1600	12,9600	2,2550	13,5300	4,3981	0,4303
13.Tomate	kg	9	2,8040	25,2360	2,2275	20,0475	-20,5599	-3,9171
CUSTO TOTAL				132,4560		126,3001		-4,6476
VARIAÇÃO						4,6476		

O QUE ESTÁ ACONTECENDO COM O IMPERIALISMO AMERICANO?

André Carraro acarraro@unisc.br

Uma das principais características do capitalismo é que não há nada nele que garanta a manutenção de seu sucesso no futuro. Para algumas pessoas essa característica sintetiza a ingratidão desse sistema produtivo e de distribuição. Para outras, ela é a clara evidência das oportunidades. Diferente de sociedades organizadas em castas, o sistema capitalista é o sistema que mais oportunidades gera para que pessoas que nasceram em classes de renda baixa saltem para as classes superiores. E também é o sistema que não garante direito a quem está no topo a ali permanecer. É por isso que o sistema capitalista é dinâmico, incerto e apaixonante.

Veja, por exemplo, o que está acontecendo com o Estados Unidos. Durante décadas você deve ter ouvido falar da força da economia americana e, principalmente, da força da sua moeda. O dólar forte, símbolo do poderio político e econômico, é referência certa ao Estados Unidos. Dele se deriva a inveja de existir um país com moeda valorizada, com alto poder de compra internacional, desejada por muitos e falsificada por outros tantos. Referência de reserva de valor, o dólar é a moeda preferida em caso de crises econômicas. Me lembro do dia que fui ao câmbio negro, no auge do processo inflacionário de 1992, proteger toda a minha poupança no dólar. Foram sessenta e seis dólares.

O que aconteceu para que esta moeda passasse a perder valor? Afinal de contas manchetes de desvalorização sempre estiveram associadas à moeda brasileira e não ao dólar. No entanto, neste último mês os jornais estiveram repletos de manchetes anunciando a perda do valor do dólar e o duelo entre dólar versus euro. Este é o tema do meu texto para a Carta de Conjuntura deste último mês do ano. Nos próximos parágrafos pretendo deixar mais claro o que está acontecendo no mundo. Será que ele enlouqueceu?

Na verdade não, o mundo não está louco. Os Estados Unidos possuem um grave problema econômico gerado pela administração do George Bush. O problema atende pelo nome de déficit gêmeos e é o seguinte: a economia americana vem acumulando nos últimos anos sucessivos e crescentes (o que é preocupante) déficit na conta externa do país e na conta fiscal. Em bom português: os Estados Unidos estão consumindo acima da sua capacidade de pagar.

Déficit na conta externa representa um saldo negativo nas transações com o resto do mundo. Isso significa que o país compra mais do exterior do que vende para o exterior, tanto produtos como serviços. É fácil para o leitor perceber que nesta situação está mais saindo dinheiro do que entrando. Como o saldo é negativo, alguém precisa estar financiando o excesso de consumo americano. O que nos leva para o déficit fiscal.

Déficit fiscal envolve o lado dos gastos do governo. Se você é Keynesiano, provavelmente deve estar sorrindo agora. O problema é que os gastos do governo americano cresceram muito após o início da Guerra do Iraque. Os gastos militares impulsionaram o déficit americano para 4,5% do PIB. Essa cifra representa mais de 500 bilhões de dólares que devem ser buscados em

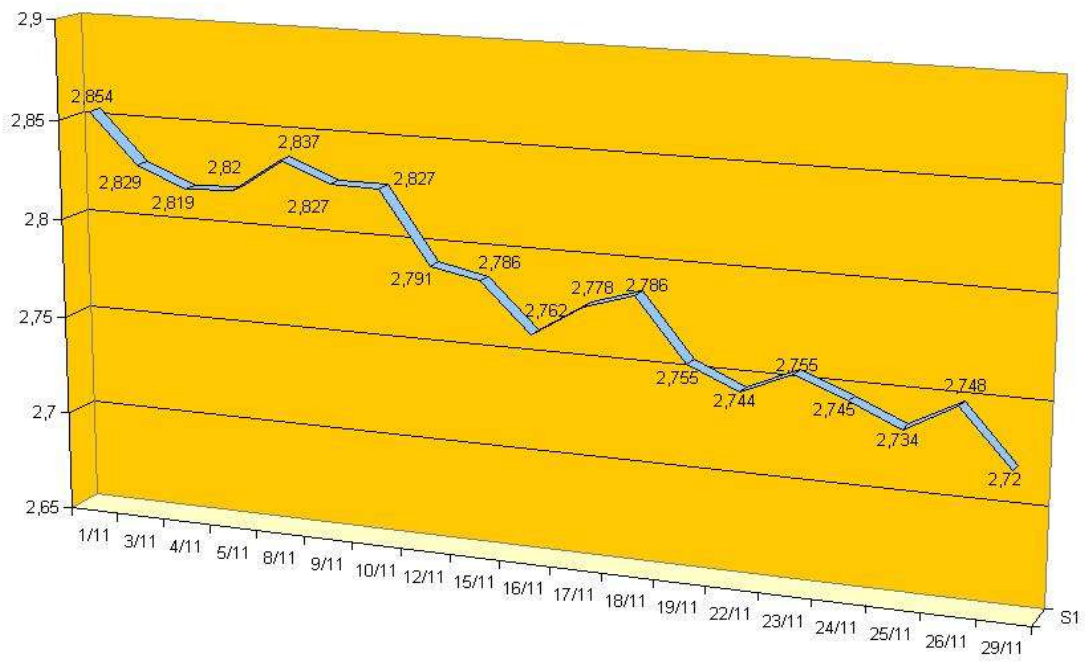
poupança para financiar o excesso de gastos do governo. Lembre-se que boa parte da política econômica do governo Bush está na redução dos impostos, o que leva a uma menor arrecadação do governo e à sua incapacidade de gerar poupança doméstica. Por isso o governo americano necessita buscar recursos na poupança externa.

Aqui entra o importante papel da China no cenário internacional. A China tem com os Estados Unidos saldos comerciais positivos e volumosos. Essa mesma situação acontece nos demais países asiáticos. Os países asiáticos produzem e vendem para os Estados Unidos, conseguem sustentar um saldo positivo na balança comercial baseado, entre outros fatores, na moeda nacional desvalorizada em relação ao dólar. Em troca, estes mesmos países utilizam o dinheiro que ganham com as exportações para comprar títulos do governo americano, que, por sua vez, utiliza o dinheiro da venda destes títulos para financiar seu déficit gêmeo.

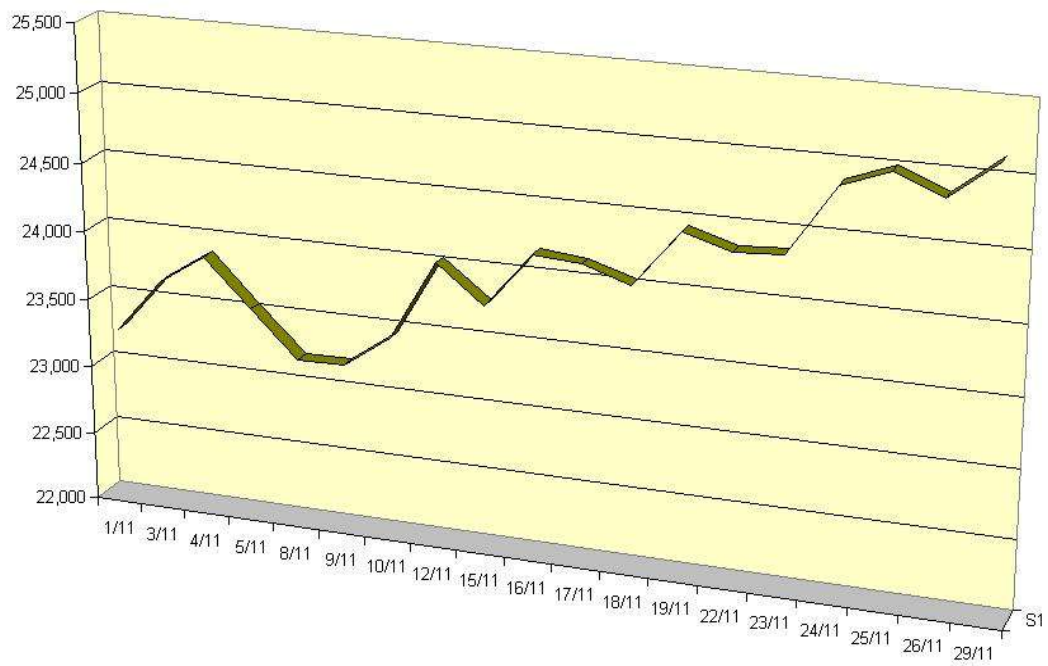
Este sistema funcionou bem até o momento. Mas a sustentação de seu equilíbrio está sendo posta em questão. Como os países asiáticos compraram os títulos do governo americano, os bancos centrais destes países estão abarrotados de títulos americanos. Estes países juntos possuem 2 trilhões de dólares em reservas internacionais, boa parte deles na forma de títulos do governo americano. Caso estes países resolvam vender os títulos haverá uma oferta imensa de títulos buscando a sua liquidez. Esse fenômeno terá como efeito um aumento na taxa de juros americana, levando o país para uma recessão, que contaminaria o resto do mundo, inclusive o Brasil.

Como evitar o risco desse desequilíbrio? A resposta não é fácil. De um lado o mundo percebeu o risco que paira sobre a estabilidade do dólar e se recusa a investir nele. Com isso, no mês de novembro houve uma oferta muito grande de investimentos externos no Brasil que geraram uma valorização no Real, uma queda na taxa de risco do país e uma elevação na Bolsa de Valores. Por outro lado, o governo americano necessita dar sinais de que pretende diminuir os seus gastos. No lado interno da economia americana seria necessária uma elevação nos impostos e uma redução nos gastos militares. O problema é que o presidente Bush se reelegeu defendendo a intervenção militar no Iraque e a política de redução dos impostos. No lado externo, a economia americana tem que conseguir consumir menos produtos do resto do mundo. Isso implica em maior restrição às importações para aquele país e em um dólar desvalorizado para estimular as exportações. No entanto, desvalorizações cambiais tendem a estar associadas a um maior índice de inflação. E, neste caso, bye-bye Brazil 2005.

Desempenho do Câmbio (R\$/US\$)



Evolução do Índice de Ações - IBOVESPA



Evolução do Risco País



CONJUNTURA ECONÔMICA DE DEZEMBRO

Fábio Mayrinck fabiohenrique@ppge1.ppge.ufrgs.br

Em outubro o IPCA registrou inflação de 0,44% contra 0,33% no mês anterior, acumulando 5,95% de janeiro a outubro de 2004 e 6,87% em doze meses. O IGP-DI apontou inflação de 0,53% em outubro, contra 0,48% no mês anterior, totalizando variação de 10,65% nos primeiros dez meses do ano. Em relação ao IPCA, o conjunto dos preços livres variou 0,29%, respondendo por 0,21 pontos percentuais (p.p.) da variação mensal do índice. Os preços monitorados tiveram elevação de 0,80%, com participação de 0,23 p.p. no resultado geral, sendo que 0,11 p.p. vieram do reajuste dos combustíveis. O IPCA registrou elevação de 1,45% no preço da gasolina, resultado do reajuste de 2,3% dos preços na refinaria – a partir de 15 de outubro – e do aumento do álcool anidro misturado à gasolina. No atacado, os preços mostraram desaceleração, tendo o Índice de Preços por Atacado (IPA) variado 0,61% em outubro contra 0,65% no mês anterior. A expectativa do governo, expresso na ata da última reunião do Copom, é de que a aceleração dos índices de preços deverá manter-se em novembro. Diante disso, o Copom decidiu, por unanimidade, aumentar a meta para a taxa Selic para 17,25% ao ano, sem viés.

A produção industrial, medida pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), manteve-se estável em setembro, após uma seqüência de seis meses consecutivos de expansão que não se observava desde 1994. Segundo dados do IBGE, a tendência de queda da taxa de desemprego aberto prosseguiu em setembro: tal tendência vem sendo observada desde abril, com breve interrupção em agosto. A taxa declinou de 11,4% em agosto para 10,9% em setembro. O emprego formal apurado pelo Ministério do Trabalho e Emprego (MTE) cresceu 0,5% em setembro e 4,6% no acumulado do ano, o que representa incorporação de 1.666.188 trabalhadores ao mercado formal nos nove primeiros meses do ano.

Nas transações com o exterior as exportações mantiveram forte ritmo de crescimento, com taxa de crescimento acumulada de 31,1% nos dez primeiros meses do ano. As importações apresentaram dinamismo semelhante, com aumento de 27,3% no período janeiro-outubro, em resposta à expansão da demanda doméstica. No acumulado de doze meses até outubro, o superávit comercial totalizava US\$32,6 bilhões, proporcionando saldo positivo em transações correntes de US\$10,8 bilhões, ou 1,95% do PIB.